

CAPÍTULO 1



Uma brisa de fim de verão entrava pela janela aberta da cozinha, fazendo as 20 minúsculas chamas das velas do bolo de Ceony dançar de um lado para o outro nos seus pavios. Claro que Ceony não fizera o bolo, pois ninguém deve fazer o seu próprio bolo de aniversário, mas a sua mãe era boa cozinheira e ainda melhor pasteleira, por isso Ceony não tinha dúvidas de que o resultado, que incluía uma cobertura cor-de-rosa de cerejas e recheio de compota, estaria delicioso.

Todavia, enquanto os pais e os três irmãos lhe cantavam os parabéns, a mente de Ceony afastou-se da sobremesa e dos festejos. Os seus pensamentos concentraram-se numa imagem que vira numa caixa da sorte há apenas três meses, depois de ler o destino do Mago Emery Thane. Uma colina florida ao pôr do sol, o aroma a trevos e Emery sentado a seu lado, com os olhos verdes brilhantes, enquanto duas crianças brincavam perto deles.

Haviam passado três meses, e a visão não se realizara. Naturalmente, Ceony não poderia esperar outra coisa, em especial por haver crianças envolvidas, mas ansiava por um indício daquela cena. Ela e Emery — ou seja, o Mg. Thane — tinham-se aproximado devido à sua nomeação como aprendiz dele e ao subsequente resgate do coração do mago. Ainda assim, desejava que fossem mais chegados.

Ponderou o seu desejo de aniversário, perguntando-se se seria melhor pedir amor ou paciência.

— A cera está a pingar para cima do bolo! — exclamou Zina, irmã de Ceony, dois anos e meio mais nova do que ela, da outra ponta da mesa. Bateu com o pé no chão e afastou do rosto, com um sopro, uma madeixa curta de cabelo preto.

Margo, a irmã mais nova, de 11 anos, deu uma cotovelada a Ceony na anca.

— Pede um desejo!

Inspirando fundo e retendo a recordação vívida da colina florida e do pôr do sol, Ceony inclinou-se para a frente e apagou as velas, tendo o cuidado de não deixar a sua trança pegar fogo.

Dezanove velas extinguíram-se, mergulhando a cozinha na penumbra. Ceony apressou-se a soprar e apagar a resistente vigésima vela, rezando para que aquele percalço não prejudicasse o seu desejo.

A família aplaudiu enquanto Zina correu a acender a lâmpada elétrica que pendia do teto da cozinha. Esta tremeluziu três vezes e depois explodiu, lançando uma chuva de vidro sobre os convivas e envolvendo-os em escuridão.

— Bem, que bom — queixou-se Marshall, de 13 anos, o único irmão de Ceony. Esta ouviu as mãos dele deslizarem por cima da mesa, em busca de fósforos... ou, talvez, tentando subtrair, disfarçadamente, um pedacito de bolo.

— Cuidado com os pés! — gritou a mãe de Ceony.

— Eu trato disto, eu trato disto — disse o pai de Ceony, arrastando os pés na direção do vulto do guarda-louça que emergia das sombras. Passado um momento, acendeu uma vela grossa e procurou outra lâmpada numa gaveta. — Dão bastante jeito, quando funcionam.

— Bem — disse a mãe de Ceony, assegurando-se de que nenhum pedaço de vidro caíra sobre o bolo —, um pouco de escuridão nunca fez mal a ninguém. Vamos cortar o bolo! Mastiga com cuidado, Margo.

— Finalmente — suspirou Zina.

— Obrigada — disse Ceony, quando a mãe cortou, com destreza, uma fatia triangular de bolo de anos e lha entregou. — Agradeço imenso tudo isto.

— Teremos sempre um bolo para ti, tenhas a idade que tiveres — garantiu-lhe a mãe, quase em tom de censura. — Especialmente para uma aprendiz de maga. — O seu rosto irradiava orgulho.

— Fizeste alguma coisa para mim? — perguntou Marshall, mirando os bolsos do avental vermelho de aprendiz de Ceony. — Prometeste-mo na tua penúltima carta, lembras-te?

Ceony assentiu com a cabeça. Deu uma dentada no bolo antes de pousar o prato e de se retirar para a pequena sala de estar, onde a sua carteira estava pendurada num gancho ferrugento, na parede. Marshall seguiu-a, entusiasmado, com Margo logo atrás dele.

Ceony tirou da carteira um pedaço de papel violeta, liso e Dobrado, sentindo nos dedos o leve formigueiro a que já se habituara. Marshall observou enquanto ela o pressionava contra a parede e fazia as últimas Dobras que formavam as asas e as orelhas do morcego, tendo o cuidado de alinhar as extremidades do papel para que a magia funcionasse. Depois, pegando na barriga do morcego, ordenou-lhe:

— Respira.

O morcego de papel arqueou-se e pôs-se de pé na palma da sua mão, com pequenos ganchos de papel nas asas.

— Fantástico! — exclamou Marshall, agarrando o morcego antes que este pudesse voar.

— Tem cuidado com ele! — gritou-lhe Ceony, enquanto Marshall corria na direção do átrio das traseiras, para o quarto que partilhava com Zina e Margo.

Voltando a meter a mão no saco, Ceony tirou de lá um simples marcador de livros, comprido e de ponta em bico. Estendeu-o a Zina.

A irmã franziu uma sobrancelha.

— Hum, o que é isto?

— Um marcador de livros — explicou Ceony. — Só tens de lhe dizer o título do livro que estás a ler e de o deixar na mesa de cabeceira. Ele encontrará sozinho a página em que vais — apontou para o centro do marcador, onde colara um pequeno quadrado de papel. — O número da página vai aparecer aqui, na minha letra. Também deve funcionar com os teus cadernos de desenho.

Zina fungou.

— Que esquisito. Obrigada.

Margo apertou as mãos por baixo do queixo.

— E eu?

Ceony sorriu e afagou os cabelos cor de laranja de Margo, de uma cor semelhante à dos seus. Do bolso lateral da mala, tirou uma pequena tulipa de papel. O caule era feito de papel verde e as seis pétalas eram de papel vermelho e amarelo, sobrepostas nas extremidades e em cores alternadas.

A boca de Margo formou um O perfeito quando Ceony lhe deu a flor.

— Põe-na na tua janela e, de manhã, florirá, como uma flor verdadeira — disse Ceony. — Mas não a regues!

Margo assentiu com a cabeça, entusiasmada, e seguiu Marshall até ao quarto, segurando a tulipa com tanto cuidado como se fosse feita de vidro.

Ceony sentou-se na sala com os pais para acabar o bolo, enquanto Marshall e Margo brincavam com os seus novos feitiços no quarto. Zina tinha ido à Praça do Parlamento, onde tinha um encontro. *Bizzy*, o *terrier Jack Russell* que Ceony fora forçada a deixar para trás ao aceitar o seu aprendizado, estava preguiçosamente enrolado aos seus pés, erguendo a cabeça de vez em quando para pedir umas migalhas.

— Bem — disse a mãe de Ceony, depois de comer a segunda fatia de bolo —, parece que te está a correr tudo bem. O Mago Thane parece um excelente professor.

— E é — concordou Ceony, esperando que a luz fraca ocultasse o rubor que lhe subia às faces. Pôs o prato no chão para o *Bizzy* lamber. — É muito simpático.

O pai de Ceony bateu com as mãos nos joelhos e expirou longamente.

— Bem, é melhor arranjarmos-te um *buggy*, para não voltares muito tarde. — Espreitou, pela janela, o céu noturno. Depois, levantou-se e abriu os braços, convidando-a a um abraço.

Ceony pôs-se de pé de um salto e abraçou o pai com força, e depois a mãe.

— Virei visitar-vos em breve — prometeu. Sem trânsito, leva mais de uma hora da casa de campo de Emery ao Bairro Mill

de Whitechapel, por isso não ia vê-los tantas vezes como gostaria. Tinha a certeza de que conseguiria fazer a viagem num quarto de hora no planador de papel de Emery, mas ele insistia que o mundo não estava pronto para uma tal excentricidade.

O pai de Ceony chamou o serviço de *buggies*, tendo Ceony insistido que seria ela a pagar, e depressa se viu sentada no banco de trás de um automóvel, seguindo aos solavancos pelo aglomerado de apartamentos do Bairro Mill, ao longo de uma rua pavimentada com pedras redondas, que serpenteava por entre os prédios. Passaram pelo posto dos correios, pela mercearia e pelo desvio para o parque infantil, e meteram pela estrada sinuosa que saía da cidade adormecida. Pouco tempo depois, as luzes do *buggy* eram as únicas na estrada. Ceony olhou pela janela aberta para as estrelas, que se tornavam cada vez mais numerosas à medida que se aproximava da casa de campo de Emery. Grilos invisíveis cantavam nas ervas altas que ladeavam a estrada de saída de Londres, e o rio que corria ao lado desta borbulhava, agitado.

O coração de Ceony bateu um pouco mais depressa quando o *buggy* parou. Depois de pagar, apeou-se e transpôs os feitiços ameaçadores da casa, que a mascaravam de mansão degradada, com janelas partidas e ripas a cair. Para lá da vedação, a casa revelava-se de três andares, feita de tijolos de um amarelo suave e cercada de um jardim de flores de papel de cores vivas, com os botões já fechados, por ser noite. Uma luz brilhava na janela da biblioteca. Emery estivera fora toda a semana, numa conferência sobre Materiais Mágicos na Arquitetura, a que o Gabinete dos Magos insistira que ele comparecesse. Ceony ajeitou rapidamente a saia e voltou a entrançar o cabelo, para prender quaisquer pontas soltas.

Antes de ter acabado de rodar a chave na fechadura, Ceony ouviu o som abafado de patinhas de papel a saltitar por trás da porta. Assim que entrou, o *Funcho* saltou-lhe para os braços e abanou a cauda de papel, emitindo os seus latidos sussurrados. Lambeu a base do queixo de Ceony com a sua língua seca, de papel.

Ceony riu-se.

— Nem sequer estive fora um dia inteiro, seu tonto — disse, coçando o cão por trás das orelhas de papel, antes de o voltar a pôr no chão. O *Funcho* correu duas vezes em círculos apertados, e depois

saltou para uma pilha de ossos de papel que se encontrava ao fundo do corredor. Quando enfeitados, aqueles ossos formavam o corpo do esqueleto que servia de mordomo a Emery, o Jonto, a quem Ceony acabara por se acostumar. Ainda assim, ser regularmente acordada por um esqueleto de papel que limpava o pó à cabeceira da sua cama constituíra motivação suficiente para Ceony ter começado a trancar a porta do quarto.

— Tem cuidado — avisou, pois o *Funcho* começara a roer o fémur do Jonto. Felizmente, os seus dentes de papel não causavam grandes estragos ao osso. Ceony passou por aquele amontoado e acendeu a luz da cozinha. Era uma divisão simples, com um pequeno fogão à sua direita e um conjunto de guarda-louças em forma de ferradura à sua esquerda, por trás dos quais se encontrava a porta das traseiras e a arca frigorífica. Não viu pratos sujos no lava-louça. Teria Emery comido?

Ceony pensou em preparar alguma coisa, para o caso de ser preciso, mas, pelo canto do olho, vislumbrou uma mancha de cor na sala de jantar.

Aí, sobre a mesa, estava uma jarra de madeira cheia de rosas vermelhas de papel, tão intricadamente Dobradas que pareciam reais. Ceony aproximou-se delas lentamente e estendeu a mão para tocar as pétalas delicadas, que haviam sido Dobradas com o papel mais fino da reserva de Emery. As flores tinham, até, folhas complexas, como fetos, e alguns espinhos arredondados.

Ao lado da jarra, encontrava-se um travessão de cabelo oval, feito de contas de papel e espirais firmemente enroladas, bem coberto por um verniz forte para o impedir de se entortar. Ceony pegou no travessão e passou os dedos pelos seus enfeites. Ela demoraria horas a fazer algo tão complicado, já para não falar nas rosas.

As rosas. Ceony tirou um quadradinho de papel do centro do ramo. Dizia «Parabéns», na caligrafia perfeita e cursiva de Emery.

Sentiu borboletas no estômago.

Ceony prendeu o travessão atrás da orelha e enfiou o bilhete num bolso lateral da carteira, onde não ficaria amachucado. Subiu as escadas até ao segundo andar, beliscando as faces e endireitando a blusa pelo caminho. A luz elétrica vinda da biblioteca desenhava um retângulo imperfeito no soalho de madeira do corredor.

Emery estava sentado à mesa, ao fundo da sala forrada de livros, de costas para Ceony. Tinha a cabeça apoiada numa mão, e os dedos entrelaçavam-se-lhe nos cabelos negros e ondulados. Com a outra mão, virou a página de um livro de aspeto particularmente antigo, embora Ceony não conseguisse perceber qual era. Um casaco comprido, verde-acinzentado, pendia das costas da sua cadeira. Emery tinha um casaco comprido de cada uma das cores do arco-íris, e usava-os mesmo em pleno verão, exceto no dia 24 de julho, em que atirara o casaco índigo pela janela e passara o resto do dia a Dobrar e a cortar flocos de neve suficientes para criar uma tempestade. De vez em quando, Ceony ainda encontrava alguns desses flocos, entalados entre a arca frigorífica e o balcão ou empilhados em montículos meio desfeitos, por baixo da cama do *Funcho*.

Bateu com o nó do dedo indicador direito na ombreira da porta. Emery sobressaltou-se e virou-se. Não a teria mesmo ouvido entrar?

Parecia cansado — devia ter viajado durante todo o dia, para já estar em casa —, mas, mesmo assim, os seus olhos verdes cintilavam.

— És uma bênção para os meus olhos doridos. Não fiz nada toda a semana senão sentar-me em cadeiras duras e falar com ingleses enfadonhos. — Franziu o sobrolho. — Além disso, acho que me tornei exigente com a comida, graças a ti.

Ceony sorriu e desejou não ter beliscado as faces com tanta força. Virou a cabeça para mostrar o travessão.

— O que acha?

A expressão de Emery suavizou-se.

— Acho encantador. Fiz um bom trabalho.

Ceony revirou os olhos.

— Que modesto. Mas obrigada pelo presente. E pelas flores.

Emery assentiu com a cabeça.

— Mas receio que, agora, estejas uma semana atrasada nos teus estudos.

— Tinha-me dito que eu estava dois meses adiantada! — Ceony franziu as sobrancelhas.

— Uma semana atrasada — repetiu ele, como se não a tivesse ouvido. E talvez não tivesse. Ceony já aprendera que Emery Thane

tinha o dom da audição seletiva. — Decidi que o melhor será estudares as raízes da Dobragem.

— Árvores? — perguntou ela, tocando no travessão com o polegar.

— Mais ou menos — respondeu Emery. — Há uma fábrica de papel a leste daqui, em Dartford. Até têm uma secção de materiais mágicos, não que isso tenha alguma importância. A Patrice pediu que lá fosses fazer uma espécie de visita guiada, depois de amanhã.

Ceony assentiu com a cabeça. *Tinha* recebido um telegrama da Maga Aviosky acerca do assunto.

— Começaremos por aí. É bastante excitante. — Emery riu-se entre dentes.

Ceony suspirou. Aquilo queria dizer que não seria nada excitante, mas isso não a admirava. Até que ponto poderia uma fábrica de papel ser excitante?

— Apanharemos um *buggy* às 8, nessa manhã — continuou o mago do papel —, por isso terás de te levantar cedo. Posso pedir ao Jonto...

— Não, não, eu levanto-me — fez Ceony questão de dizer. Virou-se na direção do corredor, mas deteve-se. — Já comeu? Não me importo de preparar alguma coisa, se tiver fome.

Emery sorriu-lhe, mais com os olhos do que com os lábios. Ela adorava quando ele sorria assim.

— Estou ótimo — respondeu —, mas obrigado. Dorme bem, Ceony.

— Igualmente. Não fique acordado até muito tarde — disse ela.

Emery voltou ao seu livro. Ceony permitiu-se contemplá-lo por mais um segundo, e depois foi preparar-se para dormir.

Antes de adormecer, colocou as rosas sobre a mesa de cabeceira.

CAPÍTULO 2



Depois de fazer crepes com morangos e natas para o pequeno-almoço, Ceony voltou para o andar de cima e abriu a porta e a janela do seu quarto para impedir que a divisão ficasse demasiado quente. Brincou com o *Funcho* por alguns minutos, atirando-lhe uma meia feita numa bola para ele ir buscar, e depois voltou ao feitiço que Emery a mandara fazer antes de partir para a conferência — uma boneca de papel representando-a a si própria.

A boneca de papel revelara-se complicada, não por causa do conceito abstrato, mas porque o passo inicial requeria a ajuda de outra pessoa. Afinal, não era possível a Ceony delinear, com perfeição, a sua figura em papel. Com Emery ausente e o Jonto incapaz de segurar um lápis com firmeza, Ceony enviara um telegrama à Mg. Aviosky, pedindo o auxílio da sua aprendiz, Delilah Berget. Delilah, um ano mais velha do que Ceony, levara dois anos a concluir os estudos na Tagis Praff, em vez do único ano em que Ceony o fizera, por isso estavam, agora, no mesmo patamar. Dado que a Mg. Aviosky mantinha Delilah implacavelmente ocupada, o traçado da boneca só começara na noite anterior ao aniversário de Ceony.

Agora, Ceony estava sentada no chão do seu quarto, com uma tesoura que comprara a um Fundidor há dois anos. Aquelas duas lâminas cortavam qualquer coisa, e nunca ficavam rombas. Ceony

estudou-as por um momento, antes de as aproximar da comprida folha de papel onde estava gravada a sua silhueta de frente. Se se tivesse tornado a Fundidora que um dia sonhara ser, era provável que, naquela altura, já soubesse como funcionava aquele feitiço. Não que lamentasse a decisão de ser aprendiz de Emery, tivesse ou não sido ela a tomá-la.

Cortar a silhueta era um processo lento; Emery avisara-a de que um corte em falso poderia arruinar o feitiço, e não queria começar tudo de novo. Ceony já conseguira cortar o pé esquerdo e chegar ao joelho esquerdo quando Emery apareceu à porta, com o casaco índigo a ondular-lhe em volta das canelas.

Ceony afastou cautelosamente a tesoura antes de lhe dar atenção. Os olhos de Emery cintilaram de divertimento. Teria ela feito alguma coisa engraçada?

— Decidi que vou ensinar-te a fazer batota às cartas como primeira lição do dia — anunciou Emery.

Ceony deixou cair a tesoura.

— Eu sabia que estava a fazer batota!

— És astuta, mas não o suficiente — replicou o mago do papel, batendo com o dedo indicador na parte lateral da cabeça. — A menos que possas dizer-me como o fiz.

— Uma espécie de feitiço de Localização?

Ele sorriu.

— Mais ou menos. Vem. — Fez um gesto com a mão.

Pegando no *Funcho* pela barriga para que ele não pisasse a boneca de papel, Ceony seguiu Emery para o corredor, fechou firmemente a porta do quarto e pousou o cão no chão. O *Funcho* farejou o soalho e descobriu algo interessante na casa de banho, desaparecendo de vista.

Na biblioteca, Emery sentou-se no chão, junto à mesa atravancada com pilhas de papel bem alinhadas, cada uma de uma cor e espessura diferentes. Colocou a tábua de Dobragem à sua frente e tirou um baralho vulgar de cartas de jogar de um bolso interior do casaco.

Ceony sentou-se em frente dele — a posição que adotava na maior parte das suas lições. Emery baralhou as cartas bastante habilmente, o que a fez interrogar-se que tipo de emprego teria ele

antes de se tornar Dobrador. A sua viagem através do coração dele não lhe revelara esses segredos, por isso pareceu-lhe melhor não perguntar.

— Lembra-te do feitiço de Localização de Ficheiros que te ensinei, não lembras? — perguntou.

Ceony lembrava-se, tal como se lembrava de quase tudo o que sucedera na sua vida, quer quisesse, quer não. Na maioria dos casos, a sua memória fotográfica era uma bênção. Emery ensinara-lhe aquele feitiço no dia a seguir à sua recuperação da perda do coração — o mesmo dia em que Ceony começara a tratá-lo pelo primeiro nome.

Recitou a lição:

— Desde que tenha tido contacto físico com os papéis em causa, posso usar uma ordem de «seleção» e depois recitar, textualmente, as palavras escritas que procuro.

Teria sido útil saber fazer aquele feitiço quando estava a estudar para as frequências na Escola Tagis Praff para os Vocacionados para a Magia.

— Precisamente — confirmou Emery, com um aceno de cabeça. — Com as cartas de jogar, a menos que pertençam a um baralho viciado, podes fazer exatamente a mesma coisa. E podes atribuir a cada carta um gesto em vez de um nome, para que o gesto a convoque durante um jogo. Permite-me que demonstre.

Dispôs as cartas em leque, talvez para se assegurar de que tinha, realmente, tocado todas elas, e disse:

— Seleção: Rei de Ouros.

Uma das cartas de cima afastou-se do baralho e moveu-se na sua direção. Ele pegou-lhe com a outra mão e virou-a, para que Ceony visse que era mesmo o Rei de Ouros.

Depois, virou novamente a carta, ocultando-a de Ceony, e, como se estivesse a falar com o próprio rei, disse:

— Nova seleção: Gesto — e deu uma pancadinha no lado direito do nariz. Depois, voltou a inserir o Rei de Ouros no monte e baralhou as cartas, dando cinco cartas a cada um, como se estivessem a jogar póquer, o que tinham adquirido o hábito de fazer na maior parte das noites de terça-feira, às sete e um quarto.

— Agora — disse Emery, pegando nas suas cartas —, sempre

que eu murmurar «seleção» entre dentes, ou de algum lado de onde as cartas me possam ouvir, posso fazer sinal ao Rei de Ouros, batendo no nariz. Normalmente, prefiro dizer a palavra antes de entrar na sala onde o jogo decorre. Mas lembra-te de que tens de repetir a ordem «seleção» para cada carta que pretendas encontrar.

Tossiu — pareceu a Ceony ter ouvido a palavra «escolha» por entre a tosse — e bateu no nariz. O Rei de Ouros voou para fora do baralho e foi aterrar na mão estendida de Emery.

— Que traçoeiro da sua parte — disse Ceony, embora não conseguisse evitar um sorriso. Que furiosa ficaria Zina se ela usasse aquele truque da próxima vez que jogassem às Copas!

— É mais fácil de disfarçar o que se está a fazer enquanto se baralha ou dá as cartas — explicou Emery —, ou quando o parceiro está distraído por alguma coisa que esteja ao lume, na cozinha.

Ceony abriu a boca para protestar, mas, em vez disso, fechou-a e atirou-lhe um olhar desaprovador. Ele *ganhara* o jogo na última terça-feira, quando ela tinha pãezinhos de canela no forno. Estava com receio de que pudessem queimar-se. Talvez fosse por isso que Emery nunca ficava com o dinheiro que ela perdia, fosse qual fosse a quantia. Que batoteiro.

— E como vicio o baralho? — perguntou.

Aquele brilho de divertimento reacendeu-se-lhe nos olhos.

— Essa lição fica para outro dia. Não posso revelar todos os meus segredos de uma vez — declarou ele. Estendeu-lhe o baralho, e Ceony tentou fazer o feitiço, mas com a Rainha de Espadas. Para seu alívio, um rápido puxão na sua trança convocou a carta à primeira tentativa.

— Agora, veremos quem ganha às cartas — disse Emery, rindo-se para si mesmo. Recolheu o baralho e voltou a guardá-lo no interior do casaco. Para o feitiço seguinte, pôs-se de pé, foi buscar duas folhas de papel branco A4, de espessura média, e pousou-as na tábua de Dobragem. Ao voltar a instalar-se no seu lugar, os seus olhos fitaram os de Ceony por um longo momento, mas esta não conseguiu ler-lhe os pensamentos. Nos últimos tempos, Emery escondia-os melhor.

— Vou ensinar-te o feitiço da Ondulação, mas este tem de ser feito com tempo — explicou, baixando o olhar para o papel retan-

gular que tinha nas mãos. — A espessura do papel tem influência no feitiço: quanto mais espesso for, mais forte será a ondulação.

— Qual ondulação? — perguntou Ceony, de sobranceiras franzidas. — Nunca li nada sobre feitiços de Ondulação.

Emery sorriu e fez uma Dobra quadrada — uma Dobra triangular que formava um quadrado quando aberta, depois de cortado o excesso de papel. Cortou a tira excedente com um x-ato rotativo e fez uma Dobra completa para transformar o triângulo Dobrado num triângulo mais pequeno e simétrico.

— É necessário cortar o excesso — explicou. — Não comesces com um pedaço de papel quadrado. Passas-me a régua?

Ceony tirou a régua da gaveta de cima da mesa. Ao fechá-la, ouviu alguns lápis rolares lá dentro, e Emery franziu o sobrolho. Provavelmente, voltaria a arrumar a gaveta naquele mesmo dia, antes de sair da biblioteca. Embora acumulasse muita tralha, Emery gostava de ter os seus pertences em perfeita ordem. Perfeita do seu ponto de vista, pelo menos.

Emery pousou a régua sobre o papel para lhe medir a largura, e depois o comprimento.

— O número mágico é 1,59cm. Lembra-te disso — advertiu. Passou o x-ato rotativo sobre a linha que traçara, mas parou antes de cortar totalmente a base do triângulo. Depois, virou o papel e mediu-o novamente, cortando, a partir do lado contrário, 1,59cm.

— É como na costura — disse Ceony, vendo as mãos dele trabalhar. Embora se lembrasse de todos os cortes, aquele feitiço levar-lhe-ia muito mais tempo a preparar. Como fazia ele as medições tão depressa?

— Ah, é? — perguntou ele, erguendo brevemente os olhos antes de fazer um terceiro corte, virando mais uma vez o triângulo. Mais dois cortes e tinha um triângulo bem cortado nas mãos.

Desdobrou-o cuidadosamente até o transformar num simples quadrado liso. Beliscando-lhe o centro, levantou o papel. Ceony observava avidamente — parecia uma alforreca geométrica em várias camadas. Não sabia descrevê-lo de outra forma.

Emery pôs-se de pé e Ceony imitou-o.

— Isto era um truque que eu tinha de reserva quando... ajudava as forças da lei — disse ele. Claro que Ceony sabia do seu traba-

lho de perseguição aos Excisores, os praticantes da magia proibida do sangue, mas havia coisas de que Emery não gostava de falar. — É bom para criar uma manobra de diversão, ou para causar uma dor de cabeça a alguém de quem não gostemos.

Emery estendeu o braço à sua frente e ordenou:

— Ondula!

Depois, balançou o objeto de papel para cima e para baixo, fazendo-o parecer-se ainda mais com uma alforreca.

O feitiço turvou-se, mas o mesmo aconteceu com o resto da biblioteca. Ceony pestanejou, tentando clarear a visão, mas o próprio ar parecia ondular a partir da alforreca de papel, como se uma pedra tivesse caído no centro de um lago. O chão revolvava-se; as estantes oscilavam. O teto torcia-se e a mobília parecia estar a nadar. Até o corpo de Ceony ondulava para trás e para a frente, para trás e para a frente...

A sua mente girava e foi acometida de vertigens. Estendeu a mão para a cadeira, para a mesa, mas falhou o alvo e cambaleou.

Emery deu um passo para o lado e apanhou-a, envolvendo-lhe firmemente os ombros com o braço. Deixou cair o feitiço e a biblioteca voltou ao seu estado normal, direita e sólida.

— Devia ter insistido para que ficasses sentada — disse ele, em tom de desculpa.

Ceony abanou a cabeça, recuperando o equilíbrio.

— Não... é muito, hum, útil.

À medida que a visão de Ceony voltava ao normal, a percepção da mão de Emery no seu ombro tornou-se cada vez mais nítida e, apesar de todos os seus esforços para o impedir, as faces arderam-lhe de rubor.

O braço de Emery permaneceu onde estava por um momento depois de ela se ter estabilizado, e ele parecia hesitante em retirá-lo. Temeraria que ela caísse?

Aclarando a garganta, Emery esfregou a nuca.

— Deves praticar isto quando puderes, talvez com papel mais fino para começar, hum? — Deitou um olhar à porta, e depois à gaveta da mesa que continha os lápis soltos. Contornou Ceony e começou a arrumar a gaveta faltosa. — E também a boneca de papel, claro. Isso deve manter-te ocupada até à visita de amanhã.

Ceony respirou fundo, esperando que ele não reparasse na sua pele corada.

— Vou fazer isso. Acabarei primeiro o trabalho da boneca. É um pouco menos perturbador.

Emery assentiu com a cabeça, e Ceony pediu licença para se retirar.

Instalou-se novamente no chão do seu quarto, deixando uma nesga da porta aberta. Contudo, ao pegar na tesoura encantada e aproximá-la da boneca de papel, descobriu que tinha bastante dificuldade em manter a mão firme.

CAPÍTULO 3



No dia seguinte, Ceony levantou-se cedo sem a ajuda do Jonto, que, quando acabou de se vestir, encontrou a rondar, de uma forma muito suspeita, à porta do seu quarto. Trazia o seu avental vermelho de aprendiz sobre uma blusa bege e uma saia azul-marinho, e apanhara o cabelo num puxo na nuca, onde o chapéu alto do uniforme não lhe tocara. Ainda teve tempo para preparar duas sanduíches de ovo mexido e para sacudir a cama do *Funcho* antes de o *buggy* parar junto à casa, com o motorista a deitar um olhar desconfiado à ilusão de uma mansão sombria com persianas partidas e corvos de olhos penetrantes. Devia ser novo.

Emery só apareceu quando o *buggy* buzinou. Parecia um pouco estremunhado.

— Devia mesmo deitar-se mais cedo — comentou Ceony, enquanto ele trancava a casa. — Porque ficou a pé?

— Estive a pensar — disse ele, abafando um bocejo.

— Em quê?

Ele deitou-lhe um olhar, fez uma pausa e sorriu.

— Como já disse, não posso revelar todos os meus segredos.

Ceony revirou os olhos e apressou-se em direção ao carro.

— Acho que há horas suficientes *durante o dia* para se pensar.

Emery limitou-se a sorrir pela segunda vez e ajudou-a a entrar

no carro. Logo que se instalaram confortavelmente, Ceony estendeu-lhe a sanduíche que lhe cabia. Se a Mg. Aviosky não a tivesse nomeado como aprendiz de Emery, naquela altura ele já teria morrido de fome. Disse-lho quando ele deu a primeira dentada.

— Muitas coisas teriam sido diferentes sem ti, isso é certo — respondeu ele.

Ceony refletiu sobre aquelas palavras, procurando um qualquer sentido oculto, mas não encontrou nenhum. Talvez não fosse mesmo tão astuta como deveria. Perguntou-se se haveria um feitiço para isso.

O *buggy* levou duas horas a chegar a Dartford, durante as quais Ceony e Emery percorreram 11 temas de conversa, do novo emprego do pai de Ceony como trabalhador nas instalações da estação de tratamento de águas local aos hábitos de acasalamento das abelhas. Ceony nunca estivera em Dartford. Espreitou pela janela à chegada, absorvendo a visão da grande cidade industrial. Casas e apartamentos estreitos e de aspeto acanhado ocupavam os dois lados de quase todas as ruas, e várias fábricas, armazéns e árvores esparsas contornavam o perímetro da cidade. Dartford tinha também um rio bastante largo, com um porto. Inclinando-se para a frente, Ceony fechou os olhos e susteve a respiração, enquanto o *buggy* passava sobre uma longa ponte suspensa, tentando evitar pensar nos quilómetros e quilómetros de água lá em baixo. Emery pousou-lhe uma mão nas costas para a confortar, e não a retirou, nem mesmo quando o *buggy* chegou a terra firme. Ceony não fez comentários, permitindo-se apreciar o calor subtil dos seus dedos.

O motorista entrou numa praça larga, pavimentada com pedras redondas, e estacionou num espaço livre, no meio de uma longa fila de automóveis, onde também se encontrava uma carruagem sem cavalo. Quando Ceony saiu do carro e procurou a fábrica de papel, viu apenas mais apartamentos, um talho, uma livraria, um estúdio de poliartesanato — artigos em plástico — e uma espécie de mercearia de produtos estrangeiros, tudo mais baixo e menos colorido do que os edifícios correspondentes na capital. Só o edifício do banco tinha mais de um andar.

Soprava uma brisa, e os cabelos da nuca arrepiaram-se-lhe. Virou-se e perscrutou a rua estreita atrás de si, mas só viu homens

de negócios a caminho do trabalho e um pequeno bando de cartas voadoras em forma de pássaro, encantadas por qualquer outro Dobrador de uma cidade vizinha. Estranhamente, por um momento, Ceony teve a distinta sensação de estar a ser observada.

— Onde fica a fábrica? — perguntou, depois de Emery pagar ao motorista, e ter começado a caminhar na direção da praça.

— É na parte leste — respondeu ele. Esticou o queixo para a frente, apontando um pequeno autocarro vermelho desbotado, estacionado na praça. — O vaivém leva-te lá.

Ceony fez uma pausa.

— Só a mim?

Emery sorriu, e Ceony detetou-lhe um brilho travesso nos olhos verdes. — É uma visita horrível, e o cheiro também não é muito agradável. Por mim, dispenso.

Ceony franziu o sobrolho.

— Faz com que pareça tão excitante. Não posso ler um livro acerca da fábrica em vez de ir à visita?

— Ceony, Ceony — disse ele. — Ainda não conheces as maravilhas que as aparas de madeira e a pasta de papel te reservam. *Haverá* um teste. Esta visita é exigida pelo Conselho Educativo aos Dobradores, sendo um crédito opcional para todos os outros. Como te disse, a Maga Aviosky requereu especificamente a tua presença.

Ceony puxou o chapéu alto mais para trás.

— Há um lugar especial no Céu para pessoas como o senhor.

Emery riu-se e deu-lhe uma palmada no ombro.

— Ceony! — ecoou uma voz familiar.

Ceony olhou para o vaivém e viu Delilah, a aprendiz da Mg. Aviosky, a correr para ela. Emery retirou rapidamente a mão do ombro de Ceony e afastou-se para o lado, enquanto as duas se cumprimentavam.

Delilah agarrou Ceony pelos braços e beijou-a em ambas as faces — *bisous* à francesa —, como costumava fazer. Era o oposto completo da sua mentora empertigada. Enquanto a Mg. Aviosky tinha uma postura bastante rígida e composta, Delilah borbulhava com exuberância, e ostentava um sorriso que se recusava a apagar-se-lhe do rosto perfeitamente oval. Encaracolara o seu cabelo louro radiante, cortado curto, e usava um vestido sem mangas

azul-celeste por baixo do avental de aprendiz. Ceony não era alta, mas Delilah era uns bons cinco centímetros mais baixa do que ela.

— O que fazes aqui? — perguntou Ceony, vendo, pelo canto do olho, a Mg. Aviosky aproximar-se de Emery. — Tu estudas vidro!

— A Maga Aviosky diz que convém ter bons conhecimentos de todos os materiais — respondeu Delilah com um leve sotaque francês, uma reminiscência do toque de sinos na voz. — Ela disse que tu vinhas. Não te importas, pois não?

Ceony riu-se.

— Porque havia de me importar? Mas não me parece que vá ser um grupo muito grande.

Na verdade, além dos Magos Aviosky e Thane e do motorista do autocarro, só se encontravam mais três aprendizes — todos rapazes — reunidos junto do autocarro, todos eles envergando longas vestes em vez de aventais. Ceony reconheceu dois deles da sua turma de finalistas: George, um sujeito encorpado de óculos sem aros em cima de um nariz curto, e Dover, cujos cabelos negros e encaracolados e pele morena sempre lhe tinham valido, na escola, a atenção das colegas femininas de Ceony. Ceony suspeitava que essa atenção fosse o motivo por que Dover levara os três anos completos a receber o seu diploma da Tagis Praff.

Delilah pegou na mão de Ceony e puxou-a para o autocarro. Cumprimentou os três rapazes e apresentou Ceony ao que ela ainda não conhecia. Era um indivíduo alto e magro, que lhe lembrava Prit, do liceu de Emery — o aspirante a Dobrador que Emery intimidara —, mas este era um Pira, um mago do fogo.

Delilah quase arrulhou o nome de Dover, mas ele não pareceu importar-se. Ceony ficou surpresa por saber que, tal como ela, tanto Dover como George tinham sido destinados ao papel, e que, notoriamente, George não se conformara com isso.

— Que perda de tempo — resmungou ele, encostando-se ao autocarro e cruzando frouxamente os braços sobre o peito. — Talvez, se dermos todos as mãos e não fizermos barulho, alguém nos dê chupa-chupas no fim deste disparate.

— O teu será amargo — observou Ceony, com sarcasmo, corando logo a seguir, ao ouvir as suas próprias palavras. Andava a passar demasiado tempo com Emery. O olhar carrancudo que George lhe

lançou só confirmou essa conclusão, embora Dover se tivesse virado para esconder um risinho.

— Vai ser esplêndido — disse Delilah, pendurada no braço direito de Ceony — e, além disso, um ótimo exercício. Sempre quis saber como é feito o papel.

— Desflorestação — replicou George. Dover riu-se, e os seus caracóis perfeitos estremeceram com o esforço. Clemson, o Pira, limitou-se a coçar a nuca.

A Mg. Aviosky bateu as palmas e disse:

— Toda a gente para dentro do vaivém. Vamos mandar-vos sem acompanhante, já que são adultos; por favor, lembrem-se disso durante a visita. O vaivém irá buscar-vos à entrada sul da fábrica ao meio-dia. Não se atrasem. A vossa participação neste evento *será* averbada no vosso registo permanente.

George praguejou entre dentes. Os olhos de Ceony encontraram os de Emery, e ela encolheu os ombros e deixou que Delilah a levasse para dentro do autocarro.

...

Para consternação de Ceony, a Fábrica de Papel de Dartford cheirava mesmo terrivelmente — a algo como brócolos demasiado cozidos com um toque de hálito matinal. Três edifícios comprimidos uns contra os outros formavam a fábrica em si mesma. Com sete andares de altura, tinham sido construídos para parecerem um meio-termo entre um dormitório e uma prisão. Os primeiros seis andares estavam guarnecidos com filas de janelas retangulares posicionadas a espaços regulares, e o primeiro e o terceiro edifícios ostentavam, cada um, uma enorme chaminé, que projetava no ar vagas de vapor branco, com cheiro a brócolos, tornando o ambiente especialmente húmido. Uma parte do grande rio que Ceony atravessara pouco antes corria por trás da fábrica, fazendo girar diversas rodas e fornecendo energia aos geradores.

O pequeno grupo de visitantes reuniu-se ao lado do vaivém. Pela segunda vez nesse dia, Ceony sentiu que alguém a observava. Os seus braços ficaram em pele de galinha, mas nenhum dos outros aprendizes pareceu notá-lo — tinham a atenção concentrada

na fábrica. Talvez estar numa cidade diferente lhe causasse ideias paranoicas.

— Acho que podia ficar bem bonita com umas cortinas — sugeriu Delilah.

— E com um pouco de perfume — acrescentou Ceony. Ainda assim, supunha que todo o papel que Dobrara nos últimos três meses viera daquela fábrica, e isso tinha algum significado. Sem aquela fábrica, ela não teria trabalho.

Uma mulher alta, vestindo um casaco roxo e uma saia assustadoramente curta que mal lhe cobria os joelhos, apareceu do interior do primeiro edifício, precisamente no momento em que o vaivém partia. O seu cabelo negro estava apanhado num puxo apertado, e tinha as pestanas perfeitamente delineadas com *Kohl*. Trazia um bloco com mola apoiado na curva do cotovelo esquerdo.

— Olá, olá — cumprimentou, contando as cabeças com o dedo. Deu uns passinhos graciosos sobre o caminho coberto de gravilha. — Parece que nos faltam uns quantos. Estarão a caminho?

Ceony olhou em volta.

— Acho que somos só nós.

— Oh. Bom, está bem. Ainda é um grupo razoável. — A mulher acenou com a cabeça. — Chamo-me menina Johnston e, hoje, serei a vossa guia. Por favor, mantenham o grupo junto, e não toquem em nada, a menos que vos digam para o fazer. Assim, a visita será breve.

George murmurou qualquer coisa entre dentes, mas Ceony não conseguiu percebê-lo. Talvez fosse melhor assim. De cada vez que ele abria a boca, ela ficava a gostar menos dele.

A menina Johnston escreveu qualquer coisa no seu bloco.

— Por aqui, sigam-me — disse, conduzindo-os para dentro do primeiro edifício, por um caminho de lajes de pedra antigas que haviam sido reparadas várias vezes com argamassa, formando um conjunto pouco harmonioso. A única porta que levava à fábrica ficava por baixo de um arco de tijolos desbotados, e a menina Johnston continuou a tagarelar enquanto os aprendizes entravam no edifício, em fila indiana. — *Sir John Spilman* construiu a primeira fábrica de papel em Dartford, em 1588. A Fábrica de Papel de Dartford foi, inicialmente, fundada e construída pela Sociedade de Fábricas de Papel de

Londres em 1862, após o imposto especial de consumo sobre o papel ter sido abolido. Depois, foi reestruturada em 1889. A fábrica de papel ajudou a industrializar Dartford, que, tradicionalmente, era um centro de minas de cré, de queima de cal, da indústria da lã e de outras formas de agricultura.

Delilah encostou-se a Ceony e perguntou-lhe:

— O que é queima de cal?

Ceony encolheu os ombros.

Entraram num grande átrio de receção com azulejos verdes e cinzentos e muito pouca mobília. Uma grande quantidade de plantas em vasos, de petúnias a fetos frondosos, ocupava cada canto e recanto. Ceony não viu quaisquer fios elétricos — toda a luz vinha das janelas, altas e manchadas pelos anos, por cima da porta. Para sua surpresa, o cheiro a brócolos diminuiu um pouco naquele átrio. Ou isso, ou o seu nariz habituara-se a ele.

Uma secretária por trás de uma mesa alta e bege levantou os olhos para o grupo quando este entrou, mas os aprendizes não lhe retiveram o interesse por muito tempo.

— Aqui atrás, ficam as salas de reuniões dos nossos empregados — explicou a menina Johnston, recuando e indicando duas portas sem pintura ao fundo da divisão, meio escondidas por um feto de aspeto selvagem. — Quando entrarmos neste corredor, ouvirão a água a correr por baixo dos vossos pés. A fábrica bombeia água do rio através de meia dúzia de turbinas Fundidas que estão sob a fábrica, e que alimentam as nossas máquinas mais recentes, todas feitas aqui em Inglaterra. A Fábrica de Papel de Dartford orgulha-se de ser uma empresa nacional.

À medida que a visita prosseguia, cada divisão requeria mais explicações do que a anterior sobre o funcionamento das diferentes máquinas, o que fazia cada empregado e a história por trás de tudo o que estivesse à vista. Atravessaram a grande sala de recolha que ocupava toda a metade traseira do primeiro edifício, onde toros trazidos por via fluvial eram moídos num picador de madeira antes de serem enviados para a sala da pasta de papel. Embora a menina Johnston mantivesse o grupo longe da moagem, Ceony teve de tapar os ouvidos. Só conseguiu voltar a ouvir a preleção interminável da menina Johnston acerca do funcionamento da fábrica quando

chegaram à sala da pasta de papel, onde o cheiro a brócolos e a dentes por lavar era tão forte que Ceony teria tido náuseas se Delilah não lhe tivesse oferecido um lenço que tinha a mais, para ela tapar o nariz.

Infelizmente, a maioria das partes interessantes da fábrica, como as secções de formação e de prensagem, encontrava-se muito para lá das linhas amarelas pintadas no chão que determinavam até onde os grupos de visitantes podiam ir. Filas de caixas e prateleiras meio vazias escondiam a maquinaria, que Ceony teria realmente gostado de ver.

A menina Johnston guiou-os através da sala das máquinas, da qual Ceony viu apenas um canto; do armazém, que era quase do tamanho da sala de moagem de madeira, mas com mais prateleiras e menos luz; e de uma sala chamada «dínamo e motor», onde havia tanto daquele cheiro azedo a papel que os olhos de Ceony lacrimejaram. A menina Johnston tinha começado a falar dos agitadores e dos tanques quando outro empregado — um jovem de bata — se aproximou dela, vindo da esquerda, e lhe sussurrou ao ouvido. Ceony deu um passo em frente e esforçou-se por ouvir, mas só conseguiu distinguir as palavras «agora mesmo» e «suspeito». Ainda assim, esta última palavra despertou-lhe o interesse.

O homem foi-se embora e Ceony ergueu a mão para perguntar quem era, mas a menina Johnston ignorou a pergunta e disse:

— Peço desculpa pelo incómodo, mas parece que estamos a ter algumas dificuldades técnicas, o que significa que este grupo terá de ser evacuado. Se me seguirem de volta ao armazém, far-vos-ei sair pela porta oeste. Esperemos que não seja nada demorado, e que possamos continuar a vossa visita. Mais uma vez, as minhas desculpas.

George bateu com a palma da mão na testa, mas o grupo seguiu a menina Johnston em silêncio através do armazém, onde, claro, havia linhas amarelas que conduziam diretamente à porta enferrujada e sem janela.

Ceony agarrou o pulso de Delilah e puxou-a para a parte de trás do grupo.

— Ouviste o que ele disse? — sussurrou.

Delilah abanou a cabeça, fazendo cócegas no nariz de Ceony com os caracóis.

— Não ouvi nada. Tu ouviste?

— Alguma coisa suspeita. Quero dizer, ele disse «suspeito». E algo acerca de «agora mesmo». O que pode correr mal numa fábrica de papel que os faça interromper a visita? Pasta de papel de má qualidade?

Delilah encolheu os ombros.

— As grandes empresas têm sempre determinados protocolos para coisas como visitas de grupo e procedimentos de emergência. O meu pai trabalha na Stanton Automobile, e eles têm uma quantidade de regras estranhas sobre o que fazer quando alguma coisa corre mal. Normalmente, só servem para que se tenha de fazer horas extra.

Ceony encolheu-se ao pensar no que seria fazer horas extra numa fábrica de papel, mas não disse mais nada sobre o assunto.

A menina Johnston deixou o grupo lá fora, numa extensão de relva pisada não muito longe do rio, e voltou a desaparecer pela porta. Clemson testou a maçaneta, mas aquela estava trancada.

— Curioso — disse ele. Era a primeira palavra que Ceony lhe ouvia. O rapaz magro largou a maçaneta e não disse mais nada.

Soltando um suspiro, Ceony observou o que a rodeava. Ouvia o rio, agitado, nas traseiras da fábrica, e um caminho de gravilha contornava a parte lateral do edifício, até à fachada. Um pouco mais longe, cresciam grupos de faias e ervas por cortar; dirigiu-se para aí com Delilah, com o Sol da tarde a espreitar por entre farrapos de nuvens. Os outros seguiram-nas em passo lento, sem que George parasse de resmungar.

— Acho que devíamos combinar um almoço um dia destes, Ceony — disse Delilah, com um sorriso. Lidava tão bem com os contratemos. Ceony invejava-lhe essa capacidade.

— Concordo — respondeu Ceony —, mas depende da tua disponibilidade. Hum... o Mago Thane é bastante tolerante com o meu tempo livre.

— Oh, acho que amanhã seria um dia perfeito — comentou Delilah, batendo palmas. — A Maga Aviosky tem o dia todo ocupado na escola, com o novo ano a começar em breve, por isso só terei os meus estudos para fazer. Onde iremos?

Ceony parou debaixo de uma árvore a cerca de 15 metros da fábrica de papel e encostou-se ao seu tronco branco e rugoso.

— Gostas de peixe? O St. Alban's Salmon Bistro, na Praça do Parlamento, tem uma ótima sopa de peixe. Já tentei fazê-la em casa, mas nunca me sai bem.

— Oh, adoro o St. Alban's — exclamou Delilah, com um gesto da mão. — O pão deles é divino. Amanhã ao meio-dia, então? Podemos encontrar-nos junto à estátua de...

Os lábios de Delilah continuaram a mover-se, mas um forte *bum!* vindo de trás dela abafou-lhe completamente as palavras. Ceony sentiu a explosão abanar o chão, subir-lhe pelas pernas e tocar-lhe até mesmo o coração. As folhas por cima da sua cabeça restolharam e dois estorninhos levantaram voo.

Depois, Ceony viu o fogo.

As chamas ergueram-se do primeiro e do segundo edifícios da fábrica de papel como um vulcão em erupção, projetando detritos e cinzas a uma altura superior à do fumo da chaminé. Engoliram metade do edifício; no momento seguinte, o calor atingiu-a numa vaga sólida como uma parede, arrancando-lhe gotas de suor da pele.

— Fujam! — gritou ela, mal conseguindo ouvir a própria voz. Agarrou Delilah e puxou-a na direção contrária à da fábrica. Clemson não estava à vista, mas George e Dover já tinham começado a correr, e ela seguiu-os. Um destroço chocou contra uma árvore a menos de três metros à sua esquerda, rachando-a em dois.

Alguma coisa assobiou e uma segunda explosão, mais pequena, ribombou no ar. Ceony virou-se mesmo a tempo de ver um enorme bocado de parede da fábrica precipitar-se na sua direção.

Clemson apareceu vindo do nada e correu para o projétil, esfregando as mãos. Ceony gritou, mas ele ordenou: «Desvia-te!», e atirou uma bola de fogo gigante contra o destroço, lançando-o para longe. Em vez de se despedaçar contra Ceony, passou por cima das árvores e foi aterrar no rio, com um enorme chape.

Delilah começou a chorar.

— Obrigada! — gritou Ceony, mas Clemson limitou-se a empurrá-las para a frente, deixando cair um fósforo queimado. Ceony não precisava que lhe lembrassem do perigo que corriam. Correu o mais depressa que as suas pernas lhe permitiam, o que era muito mais rápido do que Delilah conseguia acompanhar. Ceony recusou-se a largar a mão da aprendiz de Iluminadora, e quase

a arrastou, subindo e descendo uma pequena colina, na direção da rua por onde o vaivém chegara à fábrica. Dover e George já lá estavam quando elas chegaram, e encontravam-se de pé, no meio de um pequeno grupo de mirones aterrados. Quando, finalmente, Ceony parou, com o peito a elevar-se a cada inspiração, Delilah enterrou o rosto na gola de Ceony e continuou a soluçar. Clemson aproximou-se cautelosamente, mas Ceony abanou a cabeça, indicando-lhe que se mantivesse afastado, e ele assim fez. Ceony deu umas palmadinhas nas costas de Delilah, numa débil tentativa de a consolar, e contemplou a coluna de fumo cinzento-escuro que emergia da fábrica de papel. O que acontecera? O que correra mal?

Retesou-se ao ocorrer-lhe outra ideia: de todos os empregados que a menina Johnston lhes mostrara durante a visita, quantos teriam fugido a tempo?

O ar tinha um cheiro acre a cinzas e fuligem. Cada vez mais pessoas se juntavam na rua para mirar avidamente a catástrofe, até que a polícia chegou e começou a empurrar toda a gente para trás. O primeiro grupo de polícias correu diretamente para a fábrica; o segundo ficou a controlar a multidão.

A pele de Ceony voltou a arrepiar-se com a mesma sensação de estar a ser observada. Escrutinou a multidão o melhor que podia, com Delilah agarrada a ela, mas havia tanta gente a rodeá-las...

Porém, do outro lado da rua, uma pessoa destacava-se. Tinha roupas normais, mas a sua pele escura contrastava com a do resto dos mirones. Era um homem alto — indiano, ou talvez árabe. Os seus olhos escuros encontraram os dela, e depois a multidão preencheu o espaço entre eles e ele desapareceu da sua vista.

Ceony inspirou profundamente. Que pessoa razoável olharia com desconfiança para um estrangeiro, mesmo que ele estivesse a olhar para ela? Havia muitos estrangeiros a viver em Inglaterra. Delilah era estrangeira, por amor de Deus. A mãe de Ceony ficaria horrorizada se soubesse que Ceony suspeitava de um homem apenas por ele ser diferente.

Ceony olhou mais uma vez em volta, procurando os outros, mas Clemson, Dover e George já se tinham ido embora ou misturado na multidão. Deu um lenço a Delilah para ela limpar os olhos e, com o coração a zumbir, aproximou-se do polícia mais próximo.

— Desculpe — disse. O homem deitou-lhe um olhar e voltou a contemplar a fábrica em chamas.

Ceony tirou o chapéu e acenou com ele, para trás e para a frente, tentando chamar-lhe a atenção.

— Eu e a minha amiga somos aprendizas de magas; estávamos numa visita guiada quando o edifício explodiu.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Teremos de vos interrogar.

— Sim, está bem — disse Ceony, erguendo a voz para se fazer ouvir sobre as outras pessoas —, mas precisamos de voltar para o centro da cidade e de encontrar os nossos professores. Eles devem estar preocupados, e não somos daqui. Por favor.

O polícia comprimiu os lábios por um longo momento antes de assentir com a cabeça.

— Um momento — disse. Aproximou-se do colega e murmurou-lhe qualquer coisa. O outro polícia acenou com a cabeça e retirou um pássaro mensageiro de papel pré-animado do porta-bagagens do seu carro. Depois de escrever uma mensagem nele, libertou-o ao vento, mas ele voou na direção oposta à do centro da cidade. Talvez fosse um pedido de reforços.

Chegaram mais polícias ao local cerca de um quarto de hora depois, muitos a cavalo, e um deles ofereceu a Ceony e a Delilah boleia de volta ao centro da cidade. Ceony agradeceu-lhe profusamente, e Delilah até lhe ofereceu dinheiro, que ele não aceitou. Tentando acalmar-se, Ceony indicou o caminho para a praça, procurando Emery e rezando para que ele estivesse por perto. Se tudo tivesse corrido como planeado, o vaivém só os deixaria ali daí a uma hora, mas parecia inevitável que Emery e a Mg. Aviosky tivessem dado pelo alvoroço.

Havia ainda mais pessoas reunidas no centro da cidade do que na fábrica, e todas comentavam a explosão. Mesmo ali da praça, Ceony via as colunas de fumo, dançando no céu como nuvens envenenadas. Parou a observá-las por um instante, sustendo a respiração. Conseguiriam extinguir as chamas? O que poderia ter causado uma catástrofe daquela magnitude?

Abriu caminho por entre uma multidão de mulheres e um grupo de crianças da escola, pondo-se em bicos de pés, numa tentativa

vã de obter uma perspectiva melhor. Enfiou a mão na mala e tirou de lá um pedaço de papel para enviar um sinal por cima da praça — um grou de grandes asas seria uma boa forma de revelar a sua localização. Procurou um bom local para o Dobrar, sondando com os olhos os grupos de mirones e os lojistas que estavam de pé, do lado de fora das lojas, apontando e tagarelado.

Ceony vislumbrou uma réstia de índigo entre dois arduas e voltou a enfiar o papel na mala. Fez sinal a Delilah para que a seguisse e abriu caminho naquela direção.

Encontrou Emery e a Mg. Aviosky a discutir com dois polícias mal-humorados. Ou antes, a Mg. Aviosky assistia em silêncio, enquanto Emery gritava com eles.

— Então, levem-me! — berrou Emery, com uma veia especialmente saliente num dos lados da testa. Tinha a pele corada à volta dos olhos, e brandia as mãos no ar como cutelos. — Não percebem? Ela pode estar lá dentro! Eles podem estar todos lá dentro. Temos de ir!

— Senhor — disse o agente mais alto —, como já expliquei, só podemos...

— Emery! — gritou Ceony, acabando de furar a multidão. Emery deu meia-volta ao ouvir o seu nome. — Está tudo bem, saímos antes...

O resto das suas palavras ficou por dizer, pois Emery pôs os braços à sua volta e abraçou-a, fazendo com que o seu chapéu alto — e o seu coração — lhe caíssem aos pés.

— Graças a Deus — disse ele, com o rosto mergulhado no seu cabelo, apertando-a contra o peito. O sangue corria-lhe nas veias mais depressa do que o pedaço gigante de parede se precipitara contra ela. — Oh, Ceony, pensei...

Ele recuou e olhou-a de cima a baixo. Os olhos verdes brilhavam-lhe de preocupação e alívio. Desta vez, ela não teve qualquer dificuldade em ler-lhe os pensamentos.

— Estás bem? Estás ferida?

Ceony abanou a cabeça, com a pulsação a ribombar-lhe na garganta.

— Eu... estou bem, garanto-lhe. E a Delilah, e os outros. Saímos do edifício antes de... não sei o que aconteceu. Não sei onde

estão o Clemson, o Dover e o George, mas eles também saíram. Estavam connosco.

Emery soltou um longo suspiro e fechou os olhos; depois, apertou Ceony mais uma vez. Ela retribuiu o abraço, deixando os seus braços deslizar por baixo do casaco dele, esperando que, se Emery sentisse o martelar no seu peito, o atribuísse à catástrofe na fábrica de papel, e não à proximidade entre eles.

— Se isso o faz sentir-se melhor — murmurou ela —, foi mesmo aborrecido, até ao fim.

Emery riu-se, embora mais com um som nervoso do que alegre. Deu um passo atrás, mas manteve as mãos sobre os seus ombros.

— Lamento imenso.

— Não foi... — começou ela. Pelo canto do olho, viu de relance a Mg. Aviosky, de pé, junto a Delilah. A Iluminadora tinha uma expressão azeda — um olhar severo que só podia ser de reprovação.

Ceony corou e afastou-se de Emery.

— A culpa não foi sua, mas havia pessoas lá dentro. E não sei o que lhes aconteceu...

A voz tremeu-lhe um pouco naquelas últimas palavras. Tossiu para a estabilizar.

Um dos agentes com quem Emery estivera a discutir deu um passo em frente.

— Foi testemunha? — perguntou.

Ceony assentiu com a cabeça.

— Por favor, venha connosco — disse ele. — Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o que viu e onde. E ela também. — Fez um gesto na direção de Delilah.

— Com certeza — disse Ceony, e sentiu a mão de Emery apertar a sua, escondida pelo casaco. — O que for necessário.

— Eu acompanho-as — declarou Emery.

— Eu também — afirmou a Mg. Aviosky. — Sou diretora destas raparigas; qualquer envolvimento delas neste incidente é da minha responsabilidade.

Os agentes assentiram com as cabeças.

— O meu automóvel está deste lado. Por favor.

Ceony, Emery, Delilah e a Mg. Aviosky seguiram os agentes até aos respetivos carros, que os levaram à esquadra da polícia, onde

Ceony fez o seu relatório com todos os pormenores de que se conseguiu lembrar, incluindo as duas palavras que ouvira serem sussurradas à menina Johnston. *Meu Deus, faz com que ela esteja bem.*

Ceony e Emery ficaram na esquadra até a noite já ir avançada, mas ninguém parecia ter provas concludentes quanto ao que poderia ter causado a explosão, a não ser sabotagem.

Mas, enquanto voltava a atravessar as ruas escuras de Londres num *buggy* de aluguer, Ceony não conseguiu impedir-se de se perguntar: *Quem queria sabotar uma fábrica de papel?*